



<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pesquisar/index>
ISSN: 2359-1870

ENSINAR EM TEMPOS DE PANDEMIA: EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO REMOTO NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO - UFSC

João Vitor Sandri Coelho¹
Mateus Engel Voigt²
Rafael Luiz Elias³

Resumo

O presente trabalho consiste em um relatório de estágio docência referente a disciplina Estágio Curricular Supervisionado de Licenciatura em Geografia II, do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina, realizada nas aulas de Geografia do 1º ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC (CA-UFSC) de maneira remota no primeiro semestre de 2021 no contexto da pandemia da Covid-19.

Palavras-chave: Estágio Docência. Prática Docente. Ensino Remoto. Licenciatura em Geografia.

João Vitor Sandri Coelho
Universidade Federal de Santa Catarina,
Florianópolis, SC, Brasil
<jvsandri09@gmail.com>

 <https://orcid.org/0000-0002-0198-1301>

Mateus Engel Voigt
Universidade Federal de Santa Catarina,
Florianópolis, SC, Brasil
<mateusengelvoigt@gmail.com>

 <https://orcid.org/0000-0003-0381-8353>

Rafael Luiz Elias
Universidade Federal de Santa Catarina,
Florianópolis, SC, Brasil
<rafael.elias1@hotmail.com>

 <https://orcid.org/0000-0002-6099-3951>

Recebido em: 27/05/2021
Aprovado em: 28/05/2021

ENSEÑANZA EN TIEMPOS DE PANDEMIA: EXPERIENCIA DE PRÁCTICA REMOTA EN EL COLEGIO DE APLICACIÓN - UFSC

¹ Graduando do curso de Licenciatura em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, SC.

² Graduando do curso de Licenciatura em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, SC.

³ Graduando do curso de Licenciatura em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, SC.

Resumen

El presente trabajo consiste en un informe de práctica docente referente al curso de Práctica Curricular Supervisado en Geografía II, de la carrera de Licenciatura en Geografía de la Universidad Federal de Santa Catarina, realizado remotamente en las clases de Geografía del 1er año de Bachillerato en el Colégio de Aplicación de UFSC (CA-UFSC) en el primer semestre de 2021 en el contexto de la pandemia Covid-19.

Palabras clave: Práctica Docente. Enseñanza remota. Licenciada en Geografía.

TEACHING IN TIMES OF PANDEMIC: REMOTE INTERNSHIP EXPERIENCE AT COLÉGIO DE APLICAÇÃO - UFSC

Abstract

The present work consists of a teaching internship report referring to the Supervised Curricular Internship course in Geography II, from the Geography Degree course at the Federal University of Santa Catarina, held remotely in the Geography classes of the 1st year of High School at Colégio de Aplicação UFSC (CA-UFSC) in the first half of 2021 in the context of the Covid-19 pandemic.

Keywords: Teaching Internship. Teaching practice. Remote teaching. Degree in Geography.

Introdução

O presente trabalho consiste em um relatório de estágio, referente a disciplina Estágio Curricular Supervisionado de Licenciatura em Geografia II, do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina, ministrada pelo professor Aloysio Marthins e realizada nas aulas de Geografia do 1º ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação da UFSC (CA-UFSC), sendo supervisionados pela professora Danuza Meneghello. Os graduandos responsáveis pelo estágio e pelo presente relatório são: Mateus E. Voigt, Rafael Elias e João Vitor S. Coelho.

A escola onde realizou-se o estágio foi fundada em 1961, sob a denominação de Ginásio de Aplicação, o colégio tinha o objetivo de servir de campo de estágio destinado à prática docente dos alunos matriculados nos cursos de Didática (Geral e Específica) da Faculdade Catarinense de Filosofia (FCF). Inicialmente, foi implantada apenas a 1ª série ginásial, e a cada ano subsequente, foi sendo acrescentada uma nova série até completar as quatro séries do ciclo ginásial. No ano de 1970 foi substituído o nome Ginásio de Aplicação para Colégio de Aplicação, e o colégio passou a ter a primeira série do segundo ciclo, com os cursos Clássico e Científico. As demais séries do Ensino Médio foram implementadas gradativamente nos anos seguintes. Em 1980, foi acrescentado aos cursos já existentes o Ensino Fundamental com a implementação de oito turmas, duas (turno matutino e vespertino) para cada uma das quatro séries iniciais.

Os alunos que frequentavam, até então, o Colégio de Aplicação eram filhos de professores e servidores técnico-administrativos da Universidade Federal de Santa Catarina. A partir de 1992, o ingresso de alunos no Colégio passa a ocorrer via sorteio aberto à comunidade. Deste modo, os estudantes do colégio possuem uma origem social bem variada, atendendo alunos tanto de alta quanto de baixa renda.

Por ser uma instituição federal de ensino, o CA-UFSC possui uma infraestrutura física completa, com grande diversidade de laboratórios, bibliotecas, brinquedotecas, auditórios, salas de arte, música, galpões, além de uma vasta área de lazer e socialização. A educação física do ensino fundamental II e médio é feita fora do espaço do colégio, nas quadras do CDS-UFSC. O corpo docente também é de alto nível de qualificação, frequentemente possuem mestrado, doutorado ou ainda pós-doutorado. Deste modo, vemos que o Colégio de Aplicação é uma escola pública modelo, que deveria ser a realidade de toda a escola pública do país.

As aulas da disciplina de estágio, antes de começarmos o acompanhamento das aulas do CA-UFSC, iniciaram no dia 2 de fevereiro, seguidas de algumas conversas de preparação dos estudantes para o estágio, que começamos a acompanhar de fato no dia 25 de fevereiro. As aulas ministradas por nós iniciaram no dia 1 de abril, foram encontros de uma hora por semana, com uma pausa de duas semanas por motivos organizacionais da professora Danuza, finalizando no dia 13 de maio. Todas as cinco aulas das quais ministramos foram dadas entre nós três de forma conjunta. Realizamos um total de duas atividades avaliativas, sendo uma em trio e uma individual.

Por conta da pandemia de Covid-19, nossas aulas foram todas realizadas de forma remota, o que implicou uma série de mudanças estratégicas, dificuldades e aprendizados dos quais relataremos nas páginas a seguir. A primeira parte do relatório consiste na identificação do campo de estágio, apontando dados fundamentais do estágio e do colégio no qual trabalhamos. Na segunda parte, descrevemos com mais detalhes as atividades desenvolvidas: os conteúdos, as metodologias, os objetivos etc. Por fim, na conclusão elaboramos uma reflexão crítica de nosso trabalho, abordando nossas dificuldades, angústias e aprendizados.

Atividades desenvolvidas durante o estágio

Antes do início do período de observação, com intuito de nos apresentarmos visualmente para os alunos, cada estagiário gravou um pequeno vídeo de apresentação falando coisas de que gosta e não gosta e deixando uma mensagem do que esperava para o tempo em que estivéssemos em estágio. Como não teríamos um contato mais próximo com os alunos em sala de aula elaboramos um questionário virtual para conhecermos um pouco da realidade de cada um, nele pedimos em que bairro moram, quantas pessoas residem na casa, das condições de acesso para as aulas (se utilizam celular ou computador, se a rede de internet é satisfatória), além de atividades que eles gostam de fazer e algo que não gostam, deixando espaço também para mandarem um recado para nós.

Com isso pudemos, ainda que não de maneira completa, observar e ter ciência das condições de estudo dos alunos e, a partir daquilo que gostam, o que não gostam e bairro que residem, trazer exemplos para aula que se relacionassem com o conteúdo por meio de elementos que identificam os alunos com determinada situação.

Durante o período de observação das aulas da professora orientadora demoramos para começar a participar mais ativamente das aulas com comentários ou intervenções sobre o conteúdo, bem como de sugestões de material auxiliar como textos ou vídeos relacionados ao conteúdo ministrado no momento. Identificamos que essa pouca participação no início se deu por timidez e preocupação em não interromper a explicação da professora, mas também falta de iniciativa nossa em participar.

Chegado o momento de prepararmos as aulas do conteúdo destinado a nós – sobre geografia física de Santa Catarina – buscamos construir as aulas seguindo uma sequência lógica, trabalhando primeiro a localização de Santa Catarina e seus elementos mais marcantes da paisagem, seguindo para o estudo do relevo e geologia, posteriormente para a hidrografia e clima, chegando aos domínios vegetais que são fortemente influenciados pelos fatores anteriores. Por fim, fizemos a síntese do conteúdo trabalhando problemas socioambientais do estado a partir do levantamento de notícias sobre o tema.

A primeira aula do estágio aconteceu no dia 1 de abril, foi uma aula introdutória para os temas que seriam abordados futuramente nas outras aulas. Pela data que ocorreu, data essa marcada pelo golpe de 1964, decidimos colocar uma música referente à luta contra a ditadura, a música era Apesar de você, do Chico Buarque.

Após essa introdução seguimos a aula como planejado, a ideia da aula era saber o que os alunos entendiam dos aspectos físicos do estado, e também mostrar algumas outras relações. Assim usamos um programa de edição de imagem chamado *Krita*, onde colocamos um mapa político do estado de Santa Catarina (mapa 1).

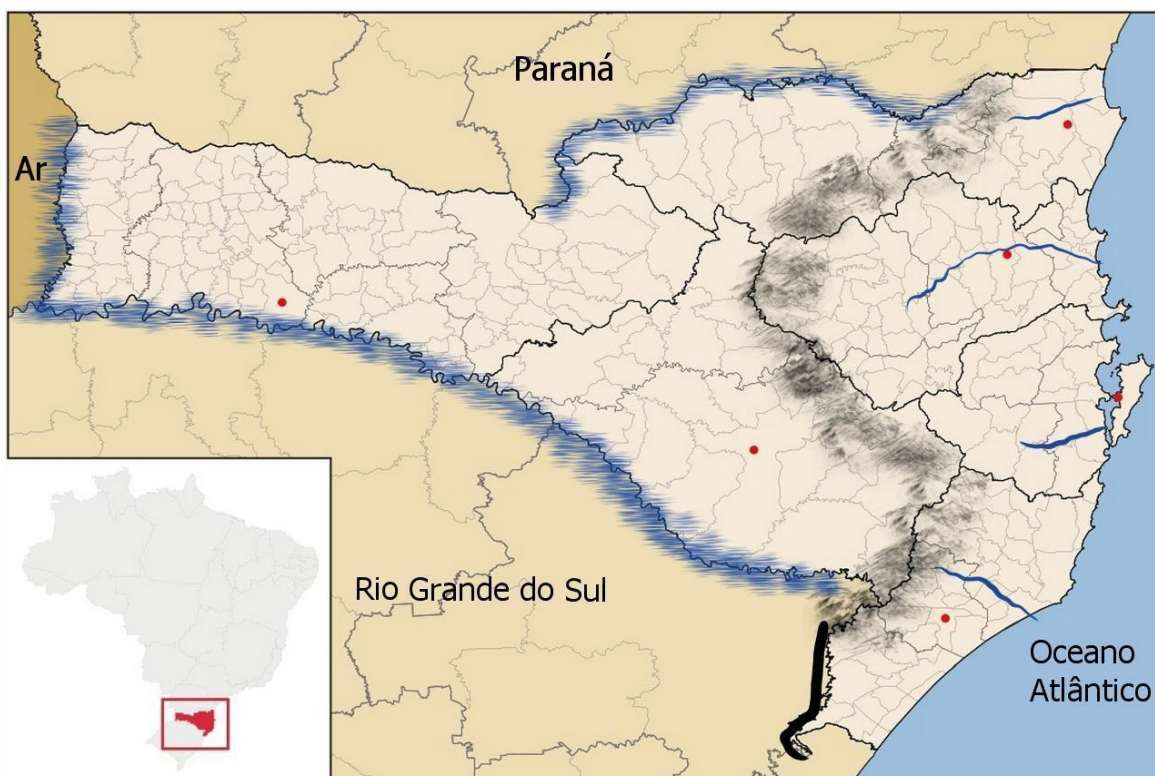
Mapa 1- Mapa de Santa Catarina usado em aula



Fonte: Elaboração dos autores, a partir do software *Krita* e base de Raphael Lorenzeto de Abreu, Wikimedia Commons (2021).

Começamos perguntando sobre a localização do estado, onde ficava os pontos cardeais e assim por diante. O mapa foi sendo construído com esse auxílio, dois dos estagiários faziam a maior parte das indagações aos alunos e o terceiro ficava encarregado de colocar no mapa os elementos ditos pelos alunos. No mapa ficou identificado os estados e países que fazem divisa com Santa Catarina e também qual oceano banha nosso litoral. Também está demarcado a formação da Serra que corre ao longo do estado, assim como os principais rios encontrados em Santa Catarina e divisas. Por fim, marcamos e perguntamos sobre as principais cidades, uma em cada região do estado, pedindo para que os alunos dessem uma ideia de como seria a cidade por ser localizada em tal região, comparando cidades do litoral a cidades do planalto catarinense, gerando esse mapa ao fim da dinâmica:

Mapa 2 - Mapa construído junto com os alunos na aula



Fonte: Elaboração dos autores, a partir do software *Krita* e base de Raphael Lorenzeto de Abreu, Wikimedia Commons (2021).

Após essa dinâmica voltamos a uma aula expositiva e dialogada, usando slides para mostrar imagens de algumas cidades para os alunos adivinharem onde e quais são essas cidades, baseando-se no que tinham acabado de ver, para reforçar o aprendizado entre eles. As cidades trabalhadas foram: Blumenau, Chapecó, Criciúma, Florianópolis, Joinville e Lages. Em todo o período da aula tivemos grande participação dos alunos, tanto no campo dos comentários quanto por áudio. Finalizando a aula bem em cima do horário das 11:40 da manhã.

A segunda aula de nosso estágio, que foi realizada no dia 8 de abril, foi dedicada ao tema de domínios geológicos e relevo do estado de Santa Catarina. Buscamos trazer os conceitos e como identificar os principais domínios geológicos junto aos relevos, enfatizando a interdependência de cada qual, as informações foram retiradas do Atlas geográfico de Santa Catarina. Os objetivos principais eram: identificar e diferenciar a evolução dos diversos domínios geológicos dentro do tempo geológico; identificar os relevos associados à paisagem atual. Utilizamos o PowerPoint, a fim de trabalhar com slides, mapas e imagens.

A aula se baseou numa dinâmica expositiva e dialogada. Começamos com a letra de uma música sobre o tema, “O Vento”, da banda Los Hermanos. Assim seguimos para diferenciar o tempo histórico e o Tempo geológico, conceito que iríamos precisar no decorrer da aula. Tentamos sempre interagir com os alunos, perguntando o que sabem sobre os conceitos, ou o que eles acham sobre. Seguindo nós fizemos um breve resumo do surgimento das rochas, contando a história do surgimento da Terra até chegarmos na

formação de Santa Catarina. Foi feita uma divisão do estado em quatro principais domínios geológicos, sendo eles em ordem cronológica de surgimento: escudo cristalino; porção sedimentar da Bacia do Paraná; derrames vulcânicos e sedimentos do Quaternário. Passando por cada um explicando suas origens no estado, o material mineral encontrado na região, seus usos na economia e outras informações que julgamos interessantes, como localização de fósseis. Nos dividimos para intercalar cada fala entre os três estagiários, seguimos assim até o final.

Seguindo a aula falamos sobre os relevos, novamente dando seus aspectos físicos, localização e influência na região. Os relevos abordados foram: relevos pertencentes às planícies litorâneas; serras; mares de morros; planalto e patamares. No fim da aula passamos alguns relatos dos tropeiros do século XIX e pedimos para que os alunos lessem. Assim encerramos a aula às 11:40 da manhã. Também vale mencionar que no decorrer da aula algumas dúvidas dos alunos iam surgindo nos comentários, deste modo os estagiários que não estavam no seu momento de fala, respondiam às dúvidas pelo próprio campo de comentário. Nesta aula não foi passada atividade para os alunos. Na parte da tarde ficamos disponíveis para tirar dúvidas dos alunos, entre as 13h30 e 14h30, mas nenhum aluno que apareceu falou sobre a aula, mas sim do projeto “Nós Propomos”.

A terceira aula de nosso estágio, executada no dia 15 de abril, foi dedicada ao tema de hidrografia e climatologia do estado de Santa Catarina. Assim como as demais aulas, buscamos enfatizar a interdependência dos diferentes elementos da paisagem e suas influências mútuas. Os objetivos principais eram: conhecer os principais rios e as bacias hidrográficas das quais eles fazem parte; identificar as duas vertentes do estado, demarcadas pela serra catarinense; e compreender os seus diferentes padrões climáticos. Para isso, utilizamos o PowerPoint, a fim de trabalhar com slides, mapas e imagens. A aula se baseou numa dinâmica expositiva e dialogada.

Começamos tratando da hidrografia, definindo o conceito de bacia hidrográfica e identificando as duas vertentes do estado, a do interior e a do litoral. Evidenciamos a relação da demarcação das vertentes com o relevo, mais especificamente com a serra catarinense. As vertentes, com isso, coincidem com as duas macroformas de relevo que predominam no estado, o planalto e a planície, o que exemplifica a interdependência dos elementos da paisagem que falamos anteriormente. Mostramos também que as bacias da vertente do interior compõem um sistema de bacia hidrográfica maior, a bacia do Rio da Prata, que ganhou destaque no período colonial, com a exploração da prata de Potosí. Fechando o tema da hidrografia, abordamos a questão de seu uso econômico, enfatizando a questão das barragens, muito numerosas no estado. Debates rapidamente a importância delas na economia catarinense, sobretudo no que diz respeito a geração de energia, através das hidrelétricas, assim como debatemos também os impactos socioambientais gerados, como a perda de biodiversidade e a expulsão de populações inteiras para a instalação do empreendimento.

O segundo tema tratado em aula foi o clima de Santa Catarina. Inicialmente, localizamos o estado na zona subtropical, abaixo do trópico de capricórnio, o que faz com que se predomine estações bem definidas, com verão quente e inverno frio. As massas de ar tropicais agem durante todo o ano no território catarinense, diferentemente da massa polar atlântica, que atinge o estado somente no inverno, trazendo o frio. Novamente o relevo tem um papel explicativo importante, uma vez que, devido a diferença de altitude, vemos uma evidente disparidade entre o clima do planalto, com verão mais ameno, e da planície, com verão quente, disparidade essa que buscamos enfatizar para os estudantes através de uma análise comparativa entre o mapa de temperatura média anual do estado e o mapa hipsométrico.

No final desta terceira aula, encaminhamos aos estudantes nossa primeira atividade. Porém, fomos orientados, posteriormente, de que o melhor momento a se passar atividade de casa aos alunos é no começo da aula e não no final, pois no final os alunos estão já muito cansados, agitados e pouco atentos. Concordamos com a sugestão e já em nossa segunda atividade, na quinta e última aula, o fizemos no começo da aula e não mais no final, resultando em mais tempo e atenção para a solicitação da atividade.

Tentamos tratar de forma ampla os temas de hidrografia e clima, buscando as múltiplas determinações que configuram o espaço. De forma geral, houve uma boa participação dos estudantes, sobretudo pelo chat. Uma certa dificuldade se deu quando tentamos estimular os alunos a se manifestarem por voz, levando um tempo para tomarem a iniciativa. A aula fluíu bem, mas faltou tempo para finalizar dois slides.

Depois de duas semanas dedicadas às apresentações por parte dos alunos do trabalho parcial do projeto “Nós propomos” retornamos às aulas no dia 6 de maio, em que trabalhamos os domínios vegetais de Santa Catarina. Como exposto, a ordem das aulas levou a trabalharmos a vegetação após passar pela geomorfologia, clima e hidrografia para mostrar a forte influência que esta sofre desses diversos fatores. Assim, os objetivos passaram por apresentar quais domínios de vegetação possuímos no estado, qual relação de sua localização com outros fatores naturais e o papel da sociedade na degradação desses ambientes para uso econômico. Novamente utilizamos o PowerPoint para apresentar a aula, valendo-se de diversos mapas, fotos de cobertura primária ou bem preservada, além de fotos antigas e novas da exploração e degradação dessas vegetações causadas pela sociedade. Utilizando as ferramentas da plataforma em que acontecem as aulas pudemos desenhar em cima dos slides e trabalhar com a escrita a partir da reflexão dos alunos dando maior dinamicidade à exposição.

Iniciamos a aula retomando duas perguntas que ficaram sem resposta na aula anterior: i) exemplos de rios que não desaguam no mar; e, ii) cachoeiras que foram alagadas por conta da construção da Usina de Itaipu. Após isso passamos rapidamente pela definição de bioma e apresentamos os seis grandes biomas do Brasil, mostrando que Santa Catarina está inserido no bioma da Mata Atlântica, mas que nem todo o território possui as mesmas características, sendo uma generalização. Chegamos então aos fatores que influenciam a

cobertura vegetal, questionando os alunos que foram respondendo e a partir disso seguimos a explicação, colocando lado a lado os mapas altimétricos, de temperatura média e o mapa fitogeográfico para frisar a relação entre o clima e relevo na formação da cobertura vegetal catarinense.

Passamos individualmente pelos sete domínios vegetais de Santa Catarina (Floresta Ombrófila Mista, Floresta Ombrófila Densa, Campos Naturais, Vegetação Litorânea, Floresta de Faxinais, Floresta Decidual Estacional e Mata Nebular) trazendo informações gerais, mostrando como é a vegetação preservada e qual foi e é o impacto da ocupação humana e exploração econômica sobre a natureza, ilustrando isso por meio de fotos antigas e recentes.

Assim como na aula anterior faltou tempo para concluir o planejamento inicial, precisando interromper o conteúdo para explicar uma atividade que seria entregue na aula seguinte, de cada aluno procurar uma notícia sobre um problema socioambiental de Santa Catarina. A participação dos alunos foi boa, principalmente pelo *chat*, o fato de termos usado *memes*⁴ ao longo da aula prendeu a atenção deles e deixou a aula mais descontraída sem desviar de seu conteúdo.

A aula de fechamento de nosso período de estágio buscou conectar os conteúdos vistos anteriormente a partir da análise de problemas socioambientais decorrentes da ação humana ou fenômenos naturais. Sendo a atividade solicitada na aula anterior o fio condutor das discussões em aula, assim, a preparação começou com análise das notícias que nos enviaram, filtrando aquelas que se repetiram muitas vezes, para comentar aquilo que mais apareceu nas buscas, e, outras que julgamos importantes para abordar diversos temas, como enchentes, estiagem, espécies invasoras, o uso de agrotóxicos, as consequências do rompimento da barragem na Lagoa da Conceição, os recentes projetos apresentados na esfera federal que buscam afrouxar leis ambientais e a privatização de bens naturais inalienáveis e quais as consequências disso no plano socioambiental de Santa Catarina.

Iniciamos a aula explicando a última atividade elaborada por nós, que é a escrita de uma resenha crítica relacionando os debates realizados em aula e a notícia escolhida pelos alunos com um texto base de Ailton Krenak, intitulado “Ideias para adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2019). Em seguida terminamos o conteúdo da aula passada na qual faltou falar da vegetação litorânea. Com isso ocupamos um tempo considerável da proposta da aula, que seria dialogar a partir das notícias e no final fazer uma conversa de autoavaliação e avaliação por parte dos alunos do nosso estágio docência.

A dinâmica da aula de trazer as manchetes das notícias foi bastante positiva e vimos que gerou maior participação, principalmente quando os alunos viam que a sua foi selecionada, nisso alguns deles comentaram o que acharam das notícias. Entendemos que poderíamos ter explorado mais a participação dos alunos, porque novamente corremos um pouco com as nossas explicações por conta do tempo, que quando vimos já avançou

⁴ “Meme” é um termo grego que significa imitação. O termo é bastante conhecido e utilizado no 'mundo da internet', referindo-se ao fenômeno de 'viralização' de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música etc., que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade” (GOIÂNIA, 2021).

bastante restando poucos minutos para fazermos um fechamento do nosso estágio. Cada um do trio fez uma breve autoavaliação da nossa prática docente e da experiência que foi com a turma, alguns alunos abriram o microfone para agradecer e no chat a participação foi intensa em que colocaram o que acharam das aulas e agradecendo o período que ficamos lecionando.

Durante as aulas, procuramos trabalhar o espaço geográfico de forma holística, nos afastando de qualquer leitura binária entre natureza e sociedade, entendendo o espaço como resultado e condição da atividade humana, como aponta Milton Santos (2012) quando diz que o espaço é uma instância social. Essa abordagem nos possibilitou trabalhar o “conceito de natureza como construção social e histórica, resultado da produção humana” (CAVALCANTI, 2010, p. 10).

Procuramos, também, fazer uma abordagem multiescalar, cuja articulação entre escalas locais e globais nos dão uma ideia de totalidade. Isso implicou relacionar os lugares de vivências dos estudantes, com a ideia de que a configuração dos espaços que ela vivencia tem a ver também com a produção de espaços maiores (da cidade, do Estado ou País, ou de outro país). Conforme Cavalcanti (2010, p. 7):

[...] apontar evidências do lugar não só como localização de algo e como experiência cotidiana, familiar, identitária, mas também como instância que permite perceber diferenciações, fazer comparações e compreender processos que evidenciam as relações entre o local e o global.

Nesse sentido, tentamos ir “além das análises fragmentadas e dicotômicas do espaço, superando dualidades, cisões, compreendendo assim a realidade como práxis, em sua totalidade” (CAVALCANTI, 2010, p. 4).

Do ponto de vista da didática, procuramos não nos ater a um paradigma padrão do processo ensino-aprendizagem, calcado na figura do professor como autoridade, transmissor do conhecimento e o estudante receptor passivo. Pelo contrário, nos baseamos num paradigma reflexivo, em que o conhecimento se constrói de forma coletiva e dialógica entre professor e estudantes. Essa concepção dialética da formação, nos orienta para uma “práxis pedagógica, em que a prática, sendo reflexiva, remete a uma busca teórica para melhor análise e entendimento desta própria prática, oferecendo subsídios para transformá-la” (ARAUJO JUNIOR, 2018, p. 1155).

Considerações Finais

A experiência de estagiar foi repleta de aprendizados e boas experiências, bem como uma série de dificuldades e desafios que nos ajudaram e vão nos ajudar a amadurecer e melhorar enquanto docentes, a começar pelas dificuldades óbvias que enfrentaríamos: os desafios da pandemia. Dar aula de forma remota é uma experiência ambígua pois, por um lado, os problemas de interrupções, bagunças e conversas paralelas, não atrapalham diretamente a aula e conseguimos seguir as explicações com certa tranquilidade. Por outro lado, e paradoxalmente, essa mesma questão se torna um problema, na medida em que não

sabemos se os estudantes estão realmente prestando atenção na aula e, nem mesmo, se estão presentes. Além, é claro, de não podermos conhecer mais de perto os alunos, seus rostos, seus gostos, jeito de ser, de pensar etc.

Se não há burburinhos e cochichos das conversas paralelas numa aula virtual, há, porém, bastante no chat. Notamos que esse espaço serviu, com frequência, para os alunos fazerem perguntas e realizarem reflexões sobre a aula, mas também foi espaço de piadas, risadas e comentários desconexos sem relação com a aula. Houve também, é claro, muitos comentários positivos e construtivos, mas que vinham sempre dos mesmos estudantes. A participação por voz, pelos alunos, foi extremamente rara, e se deu, sobretudo, após insistência nossa.

Em relação a nossa experiência de estágio de modo mais geral, podemos dizer que termos estagiado em trio nos proporcionou mais facilidades do que dificuldades. Parte se deve à própria intimidade do trio, uma vez que somos colegas e amigos desde o ingresso na graduação, o que permitiu uma condução entrosada das aulas em que podemos “quebrar o gelo” com maior facilidade e contornar situações adversas sem maiores problemas. Além disso, para determinadas atividades como a elaboração de slides ou planos de ensino, estar em trio ajudou a desafogar o trabalho de cada um. Ainda, vemos que o trabalho em grupo enriqueceu as nossas aulas, principalmente devido à diferença de perfil acadêmico de nós três, o que gerou abordagens e complementaridades diferentes durante nossas aulas, que se mostraram bem aceitas pelos alunos ao não cansar por só ter um interlocutor durante todo o período.

Por outro lado, o trabalho em grupo faz com que cada um dependa mais do outro. As divisões de tarefas, construção de consensos, produção de atividades etc., são elementos que podem ser delicados e gerar atritos e requerem constante diálogo para serem evitados, o que necessitou diversas reuniões previamente a cada aula para entrarmos afinados no trabalho. Outra situação identificada por nós, que é produto do entrosamento do trio, foi certa facilidade em conduzir as aulas, o acaba não nos dando uma dimensão exata da quantidade de trabalho que a prática docente nos dará quando formos professores e estivermos trabalhando individualmente.

A preparação de atividades e sua posterior avaliação foi um exercício que trouxe reflexões importantes para o nosso futuro no magistério. Pelo caráter modelo do Colégio de Aplicação tivemos que exercitar nosso trabalho com acessibilidade para alunos portadores de deficiência, o que foi enriquecedor para a nossa formação, porque contamos com uma estrutura de acompanhamento da escola que contribui na preparação de atividades específicas para estes alunos. Outro momento de reflexão foi o de avaliação e aplicação de notas, onde tínhamos que chegar a um acordo entre nós três sobre as respostas dos alunos, possibilitando sermos justos com a nota dada ao aluno. Inicialmente dividimos de maneira bastante objetiva o peso das questões para facilitar a correção do somatório dos pontos, porém, no momento da avaliação em si nos confrontamos com outra realidade, questionando se deveríamos aplicar tal modo objetivo de correção. Diante da sensibilidade

em não conhecer a realidade socioeconômica dos alunos e de suas trajetórias de aprendizado acabamos considerando determinados esforços de construção das respostas, mesmo que não resultassem na completude daquilo que pedia o enunciado.

O Estágio Curricular II, momento da prática docente, se mostra o ápice de nosso processo de formação na licenciatura, uma vez que nos coloca a pôr em prática aquilo que estudamos e observamos ao longo da graduação. Apesar da importância desse processo prévio, de acúmulo teórico e de observação da prática docente de outras pessoas, a nossa própria prática foi apresentando situações que não lemos num texto ou que são ensinadas em algum manual de didática, sendo a aplicação dos nossos conhecimentos distintos daquela que nos é apresentada nas disciplinas teóricas. Nesse sentido, foram valiosos os momentos de avaliação após cada aula por parte dos professores e demais estagiários que acompanharam o estágio, por trazerem comentários sobre nossa prática a partir daquilo que expressamos em cada aula, o que nos dava um exemplo do que estava bom e o que poderia melhorar, observações que fomos incorporando ao decorrer das aulas.

Assim, entendemos que a prática docente em estágio como componente curricular é fundamental para o processo formativo de qualquer estudante que almeja seguir carreira docente, preparando-nos para encarar com alguma bagagem as vicissitudes de sala de aula, bem como de acúmulos que melhorem nossa compreensão dos demais fatores que fazem parte do processo de aprendizado, seja da infraestrutura da escola, da condição socioeconômica dos alunos e do nosso domínio sobre o assunto e métodos a serem utilizados.

Referências Bibliográficas

ARAUJO JUNIOR, Aloysio Marthins. **Formação inicial de professores de geografia: aspectos estruturais para permanência e atuação na escola básica.** Perspectiva, Florianópolis, v. 36, n. 4, p. 1149-1168, dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2018v36n4p1149>. Acesso em: 22 abr. 2021.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. In: I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS, 2010, Belo Horizonte. Anais [...]. Belo Horizonte: Ministério da Educação, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7167-3-3-geografia-realidade-escolar-lana-souza&category_slug=dezembro-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 12 abr. 2021.

CHICO BUARQUE. **Apesar de Você.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=33-bMTOLvx0>. Acesso em: 15 abr. 2021.

GOIÂNIA (GO). Secretaria Municipal de Educação - Prefeitura de Goiânia. **Você sabe o que são memes.** Disponível em:

https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental/voce-sabe-o-que-sao-mes/. Acesso em: 29 abr. 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

KRITA. Software. Disponível em: <https://krita.org/en/download/krita-desktop/>. Acesso em: 29 mar. 2021.

LOS HERMANOS. **O vento**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DeiYR0eST7U>. Acesso em: 14 abr. 2021.

SANTA CATARINA (Estado). Secretaria de Estado do Planejamento. **Atlas Geográfico 2**. Fascículo 2. Maria Paula Casagrande Marimon, 2018. Cap. 2.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. 6. ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2012.

UNIVERSIDADE Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação - UFSC. **Histórico do CA**. Disponível em: [https://www.ca.ufsc.br/historico-do-ca/#:~:text=O%20Col%C3%A9gio%20de%20Aplica%C3%A7%C3%A3o%20foi,Catarinense%20de%20Filosofia%20\(FCF\)](https://www.ca.ufsc.br/historico-do-ca/#:~:text=O%20Col%C3%A9gio%20de%20Aplica%C3%A7%C3%A3o%20foi,Catarinense%20de%20Filosofia%20(FCF)). Acesso em: 29 abr. 2021.

WIKIMEDIA Commons. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Wikip%C3%A9dia:P%C3%A1gina_principal. Acesso em: 29 mar. 2021.